

Por que o jornalismo precisa da história?

Leticia Cantarela Matheus¹

Resumo: Procura-se formular algumas hipóteses acerca da necessidade que os jornais têm de apelar a uma dada idéia de história nos seus processos de representação da realidade. O objetivo é compreender quais noções de história estão em jogo nas configurações narrativas produzidas por três impressos fluminenses com mais de cem anos e qual o valor simbólico que a história adquire para o jornalismo como prática cotidiana. Para isso, procura-se mapear um conjunto de estratégias narrativas de "historicização" nesses periódicos, tais como efemérides, memórias e edições comemorativas. O que essa obsessão pretensamente historiográfica representa para o jornalismo diário, que tipo de contribuição a teoria da história pode oferecer à comunicação para a compreensão desse fenômeno e o que a história pode aproveitar dessa reflexão para seus próprios objetivos. Estes são três problemas que se tentará abordar aqui.

Palavras-chave: jornalismo – história - narrativa

Diante do interesse midiático pela história, decidiu-se procurar, nos diários centenários do Rio de Janeiro, o acionamento de uma idéia de "histórico", assim como o que essa idéia representa para o jornalismo como prática narrativa cotidiana. A principal hipótese é que o jornalismo vem construindo parte de sua legitimidade por meio de algo que somente o caráter "histórico" lhe confere. É provável que as estratégias de manutenção de poder do jornalismo tenham precisado ser transformadas de acordo com a transfiguração dos contextos sócio-político e culturais. Se, na virada do século XIX para o XX, o homem de jornal era antes de tudo um aspirante a literato e a funcionário público, operando como o intermediário possível entre o povo e o poder (BARBOSA, 1996), de lá para cá, ele foi incorporando a seu ofício outras simbolizações: mais recentemente, por exemplo, a de investigador policial, como defende Castilho (2005). Mas talvez exista um outro elemento narrativo que confira ao jornalismo um conjunto de qualidades próprias: um certo uso da história.

Haveria um movimento crescente de usar a história como fonte legitimadora? Estaria essa necessidade ligada à intensificação da modernidade, retórica e simbolização tão cara aos

¹ UFF – doutoranda em Comunicação. Pesquisa financiada pela CAPES.

jornais, que reforçam narrativamente seu pertencimento ao que há de ultra-moderno, como uma espécie de compensação à efemeridade? O que parece é que os jornais têm necessidade não só de decretarem diariamente o que é histórico mas também de serem eles próprios históricos.

Para realizar esta pesquisa, procurou-se mapear as estratégias narrativas de "historicização". Por que o jornalismo vive uma obsessão historiográfica? Esse fenômeno é recente? Que valor simbólico próprio somente a história poderia conferir ao jornalismo? Seria uma dada relação com o tempo (relação de poder sobre o tempo)?

As formas da história

Ao procurarmos se esse esforço jornalístico de historicização é recente ou não, recorreremos inicialmente ao *Jornal do Commercio* no século XIX. Nele, as representações da história e certas relações com o tempo são apresentadas principalmente por meio de duas estratégias. A primeira diz respeito a um sentido geral de história conformado nas reportagens comuns, como quando o jornal procura interpretar as possibilidades para os rumos do país a partir do nascimento do herdeiro de Pedro I ou quando, na notícia do aniversário de 20 anos de dom Pedro I, analisa o papel do imperador e de dom João na história recente. É importante perceber que, numa época em que a notícia, tal como a conhecemos hoje, não era modelo narrativo para o jornalismo, essa historicização não pode ser compreendida de modo destacado do que era a prática cotidiana do jornalista. Buscar uma separação entre notícia e um "contar a história" seria ver o jornalismo do século XIX com o olhar do século XX.

Entretanto, não se pode dizer que não houvesse nenhum tipo de separação entre aquilo que deveria ser percebido como histórico e notícia comum. Essa separação constitui a segunda forma de "historicização", materializada na forma das retrospectivas.

Desde seu primeiro ano de existência (1827), esse jornal dedicado ao apoio ao comércio publicou balanços comerciais, resumo das variações cambiais, atividades portuárias, oscilações de preço dos principais gêneros comercializados na época, entre outras informações. Nos primeiros anos, esses balanços se limitavam às atividades do último mês. Aos poucos, o cálculo se ampliou para as médias anuais, divulgadas ou em dezembro ou em janeiro do ano seguinte. Essas informações deviam ser fundamentais para que os comerciantes locais planejassem suas atividades, ou seja, elas possuíam um caráter instrumental explícito. Entretanto, essas revisões

econômicas viriam a ser acompanhadas de análises pretensamente historiográficas na década de 30.

Enquanto a última página era ocupada por quadros com todas as médias dos preços que vigoraram no ano anterior, a primeira página trazia uma "análise de fundo": "Avoa fugitivo o anno de 1835", dizia a edição de 02/01/1836. O jornal descreve a situação política nas "principais nações", explorando sobretudo as consequências dos movimentos liberais de 1830.

Todos os anos eram apresentados como muito especiais e, em vários momentos, o diário explica como entende o seu papel frente aos acontecimentos e à história, como, por exemplo, na edição de 1º e 2 de janeiro de 1840:

ANNO DE 1839

Não passará de certo despercebido nos annaes da humanidade o anno que ainda hontem terminou, e cujos principais acontecimentos devemos aqui esboçar. *Não he tenção nossa usurpar o buril da história*, nem, engolfando-nos em sublimes, philosophicas considerações, proclamar o já sedição apophthegma – o presente, filho do passado, está prenhe do futuro -, e dahi, erguendo temerário vôo, mostrar a filiação dos acontecimentos, e olhos fitos no que foi, vaticinar o que ha de ser; não, tão immodestas não são nossas pretensões, *contentamo-nos com a ingloria fadiga de reunir*, de modo que hum lanço d'olhos possam ser abrangidas, *as occurrencias que mais influenciarão na sorte*, quer da humanidade em geral, quer ainda na de qualquer das nações que, por mais avultarem no mundo ou por mais prezas comnosco se acharem pelos laços de reciprocos interesses, mais merecem nossa atenção.

(JC, 1º e 2 de janeiro de 1840, grifos nossos)

Ao enunciar seu papel, bem como o que dele se diferenciaria a história, o jornal propõe que o jornalismo desempenhe uma função registradora dos acontecimentos, estes, por sua vez, como dados que vão brotando da realidade.

Excusado nos he *reproduzir* aqui os acontecimentos a travez dos quaes foi esse acto consummado. As paginas do Jornal do Commercio ahi estão que pelo mundo, e debaixo das impressões do momento e da actualidade os narrão... (JC, 1º, 2/01/1841, grifos nossos)

Nessa retrospectiva, o JC dá a entender não somente ser capaz de dar conta da história mas também que lê-lo é suficiente para dela tomar parte. O mais interessante é que, ladeados por representações do passado recente, apresentado como história, aparecem nessas passagens de ano anúncios das famosas Folhinhas Laemmert, calendário temático do ano seguinte. A

presença desses elementos que evocam idéias de passado e futuro sugere que a manipulação diária de um periódico fornece mais do que informação, talvez a própria marcação cotidiana do tempo.

Os retrospectos anuais ganham destaque na década de 40, transformando-se em suplementos de duas páginas encartados nas edições normais. Esse impulso registrador se exacerba na década de 70, quando os suplementos passam a ser editados a cada dez dias, contendo as correspondências acumuladas. Percebe-se aí um esforço de atualização, não somente pelo fato de o jornal publicar cartas às vezes redundantes - "Tudo na mesma" (Suplemento ao n. 101, JC, 03/04/1877) – como também pelo fato de o suplemento conter os "Telegramas de última hora" no pé da página 2, relatando as notícias "mais quentes" divulgadas pelos jornais europeus. Depois dos "Telegramas de última hora", ainda vinha a coluna "Post escriptum". O ultra-atual.

É interessante perceber nessas narrativas a presença de várias temporalidades do processo comunicativo. Ou seja, embora a tecnologia de emissão, a imprensa, fornecesse o condicionante de um tempo diário, as narrativas condensavam outros tempos do fazer jornalístico naquele momento, o que incluía a espera dos paquetes. Além disso, a expectativa de atualização se sobrepunha aos limites técnicos. Essas narrativas constituem sínteses do processo comunicacional, condensando, naquilo que Ricoeur (1994) chama mimese II, o mundo pré-figurado das condições históricas e o mundo aberto à ação.

Os suplementos eram dedicados a informações do exterior. Às vezes o jornal elaborava um texto próprio, outras vezes dava a entender se tratar da transcrição literal das cartas, inclusive com local e data originais. Algumas dessas informações eram transcrições de periódicos europeus. Como cabeçalho estava a informação de como chegaram as notícias ao país: "Pelo paquete John Elder", "Pelo paquete Habsburg", "Pelo paquete Neva" etc.

A notícia, portanto, não dependeria somente das tecnologias de transmissão, nem somente de técnicas lingüísticas, como o modelo da "pirâmide invertida" e do *lead* e *sublead*, mas da relação permanente do leitor com a rotina narrativa do jornalismo e das expectativas mais gerais da sociedade numa certa época. Ainda que o hiato entre um acontecimento e sua configuração narrativa pela mídia fosse mais alargado do que hoje, parece fácil imaginar que o comerciante no Rio de Janeiro do século XIX não precisasse de *lead* e *sublead*, nem do boletim da Band News que anuncia que "Em 20 minutos, tudo pode mudar", para perceber as notícias

fresquinhas. Até eu, consumidora de notícias em 2008, conforme vou estabelecendo contato periódico com os microfilmes, vou me tornando capaz de perceber as novidades naqueles imensos relatórios que a princípio me pareceram as edições do J C de há 180 anos.

Não se pretende afirmar que houvesse uma espécie de embrião da notícia no século XIX, com estatuto e forma que adquiriria a partir da década de 1950 no Rio de Janeiro (RIBEIRO, 1995), mas que a percepção de ineditismo e do noticiário jornalístico não é estabelecida somente por uma deliberação profissional de "a partir de agora fazer assim" nem somente por uma "atualização tecnológica". Ela dependeria de todo o circuito de comunicação e do contexto nos quais as pessoas que fazem um jornal estão inseridas. Por algum motivo², os suplementos desapareceram na década seguinte.

As comemorações

As edições comemorativas são um terceiro conjunto de estratégias narrativas do qual os periódicos se utilizam para reconfigurar a sua própria versão da história. Neste trabalho, selecionamos as edições de aniversário não só do Jornal do Commercio como também de O Fluminense e do Jornal do Brasil³, todos com mais de cem anos e ainda em circulação. Nelas é possível perceber um sentido de história não somente como coleção de fatos, que deveriam ser narrados na sua totalidade pelos jornais, mas também uma idéia de evolução, no sentido de aperfeiçoamento. Nessa grande história, o jornalismo se inseriria de uma certa forma.

Haveria, nas práticas jornalísticas, uma relação particular com o tempo, apoiada no ineditismo, como um modo de percepção moderna. Pode-se questionar se o que os jornais produzem e vendem não seria um certo modo de contato com o tempo e qual o papel desempenhado pela história nessa narratividade midiática.

Koselleck (2006) afirma ser característico da modernidade a referência ao tempo a partir de conceitos de movimento, como indicadores de mudanças socio-políticas bem como de crítica ideológica e comportamental. Modernização, progresso, desenvolvimento, crescimento, desafio,

² Uma das hipóteses é que essa aceleração tenha sido gradualmente incorporada à prática cotidiana a partir da adoção do telégrafo em 1876.

³ Expressões extraídas das edições do Jornal do Commercio de 100 (01/10/1927) e 180 anos (01/10/2007), do Jornal do Brasil de 50 (09/04/1941) e 100 anos (01/04/1991) e do Fluminense de 100 (08/05/1978) e 125 anos (08/05/2003).

evolução, mudança, salto e transformação são termos extraídos dessas edições especiais tanto quando procuram diagnosticar o presente, quanto quando contam a atuação passada dos jornais. Esses movimentos não são apenas espaciais. Para haver um salto, é preciso deslocamento no tempo. Todos esses movimentos dizem respeito a transformações na duração. Em cada jornal, as expressões surgem vinculadas a um imaginário próprio de passado, presente e futuro, de acordo com o perfil editorial.

Não só as expressões como o modo como os jornais narram a história criam um efeito de linealidade. Ou seja, a temporalidade é vetorial progressiva, enfocando seqüências causais. O JC, por exemplo, considera-se fator de desenvolvimento do país. Ele associa a evolução da medicina ao advento da imprensa no Brasil e atribui a ela a entrada do país no fluxo da história universal:

Enquanto pelo velho mundo da Eurasia fervilhavam as ondas dos povos e raças, que durante séculos ali representavam o drama da [e]volução humana, traçando as páginas históricas da Humanidade, as vastidões da America jaziam arredadas de tudo isso, no torpor da anabiose, como elemento fecundável á espera do germe fundador.
[...] Decretada a abertura dos portos, suspensa a proibição de haver fabricas e manufacturas, fundada a typographia official [...] promptamente desenvolveram-se commercio, indústria, artes, letras e sciencias, de mais a mais se emancipando dos monopolios do reino... (JC, 01/10/1927, p. 55)

Uma noção de tempo como progresso sugere, no Jornal do Brasil, a associação à idéia de evolução do indivíduo e da qualidade dos homens da nação e relata década a década os acontecimentos considerados por ele relevantes. O jornal enfoca a simultaneidade dos tempos de sua história e da história nacional, reivindicando autoridade com base em sua longevidade.

O JB recorta sua própria história em quatro fases. Uma "origem", que representa os 60 anos anteriores à década de 50; "a reforma", que significa o período de transição para um novo jornalismo e para o qual não se estipulam marcos iniciais nem finais; os anos 60/70, quando o jornal se tornaria expressão de resistência em favor da liberdade; e finalmente a década de 80, em que o JB se estabilizaria como promotor de justiça.

Ele destaca um papel supostamente mais ativo do periódico, sendo representante e vetor do "novo". A cada narrativa desta edição, pressente-se um subtexto iminente que diria: Foi o JB que desencadeou a modernização do jornalismo no Brasil. Em vários outros momentos, entretanto, a relevância do JB é ressaltada explicitamente: "...o segundo (artigo) tem como tema

a reforma editorial que revolucionou o jornalismo brasileiro." (JB, 07/04/91, chamada de primeira página.)

Dois aspectos explorados na narração da origem do jornal na edição centenária são as idades dos fundadores da empresa (Rodolfo Dantas, 37 anos, Joaquim Nabuco, 42, José Maria da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco, 46) e a idéia de um esforço de superação do seu tempo. Referidas a 1891, as idades significaram, para o JB em 1991, o signo da juventude empreendedora, como se esses sujeitos representassem a antecipação do futuro, ou como diz Koselleck (2006, p. 317), "a não-contemporaneidade do contemporâneo". Além da idade, destacou-se a energia dos jovens na empreitada da fundação do jornal diante das dificuldades políticas mas, sobretudo, técnicas.

O JB diz que viria a atuar mais ativamente na sociedade e narra como exemplo sua participação no episódio da bomba do Riocentro, colocando-se como ator decisivo no desmonte da versão do atentado subversivo. Com isso, o JB demonstra ter ajudado a sufocar o grupo radical militar que rejeitava a abertura política. Assim, se a "História" só chegou ao Brasil nos anos 50 com a industrialização e a economia de mercado, como afirma o editorial, e o JB, entre 60 e 79, foi mais vítima da história, nos 80, ele toma sua dianteira.

O Fluminense, chamado de "O Velho Órgão" e fundado em Niterói (RJ), na página 2 de sua edição centenária, dá mostras da relação com o tempo que pretendia construir e manter para si. Há duas reproduções: a da primeira página de 8 de maio de 1878, e a da também primeira página de 15 de março de 1975, quando saiu pela primeira vez em *offset*, considerada o ponto de partida para uma nova história do jornal. Entre a publicação de uma e outra "36 mil dias na História do Homem" como diz o título do editorial. Tendo O Flu dois inícios: um em 1878 e outro apenas três anos antes da edição centenária, a "história" cabe nesse meio. Na página seguinte, o título também dá conta dessa relação temporal: "Um jornal transpõe o século.", o que pode ser interpretado tanto como ele sendo atravessado pelo século quanto como se ele fizesse o século passar.

Os cem anos de um jornal – mais de 36 mil dias – são um capítulo empolgante e rico na história de um povo. A assertiva assume ainda maior significado quando este povo é o brasileiro, então *recém-emancipado* das amarras coloniais. E quando este jornal é O FLUMINENSE, nascido com um ideal de

luta pelo bem, ideal que manteve e mantém até os dias que correm. (O Flu, 09/05/78, p. 2, grifo nosso)

O jornal diz ter não somente participado da construção da nação, "pouco" depois de o país deixar de ser colônia (56 anos antes), como também ter servido de nascedouro de "luminares do jornalismo, da literatura, das letras jurídicas e das artes em geral" (O Flu, 09/05/78, p. 2), citando Oliveira Viana, Irineu Marinho e Hermes Fontes. Também marca o editorial a idéia de que todas as tecnologias desfilaram pelas páginas de O Flu, tanto como notícia (o fonógrafo, o cinema, o vôo pioneiro de Santos Dumont, a penicilina, a chegada à lua) quanto como instrumento de produção: "desde a velha máquina movida a braço de escravos até as moderníssimas impressoras a vapor de fins do século, chegando afinal às rotativas e ao sofisticado processo *offset*." (O Flu, 09/05/78, p. 2)

Na página 6, traz a reprodução de dois editoriais que marcaram sua história: o de lançamento e o das comemorações de 50 anos, de modo a comparar o que havia mudado nesse tempo. "Dois Editoriais, Uma Conduta", diz o título. O editorial de 1928 dizia que "há 50 anos, Niterói possuía arraigados hábitos provincianos que não lhe permitiam a confiança plena no futuro." (O Flu, 09/05/78, p. 6) Por isso, O Flu só saía três vezes por semana, porque "não sabia que teria, na história da Imprensa do Estado do Rio de Janeiro, o papel de registrador dos acontecimentos que remodelaram a vida na cidade, hoje borburinhante e progressista." (O Flu, 09/05/78, p.6)

A edição de cem anos é apresentada tal como uma espécie de grande retrospectiva histórica, válida para ser consumida em qualquer época, e orientada por uma espécie de pedagogia do uso documental do jornal:

Com o suplemento especial do 'Produto Fluminense', enfeixado em 8 cadernos, e mais o tablóide em policromia com a história dos '100 Anos de O FLUMINENSE', estamos dando hoje aos leitores uma visão do desenvolvimento do Estado do Rio e contando a nossa epopéia de 36 mil edições.

Aliás, estes 90 cadernos-extras se completam numa documentação analítica, e por vezes, crítica, de uma terra ligada a seu jornal. São reportagens, depoimentos e pesquisas para serem guardados e consultados em termos quase enciclopédicos. Um século de jornal fiel à sua missão e à própria História do Estado do Rio. (O Flu, 07/05/1978, primeira página)

Lógica semelhante acompanha o JC (dia 11/09/1908, p. 3), que diz que "a imprensa é imperecível como as grandes conquistas do espírito que avantajam a humanidade". Ou seja, a imprensa, como tecnologia mas também como metonímia para jornalismo, é comemorada como instrumento iluminador, sempre num sentido positivista de progresso.

Sobre uma conferência sobre a febre amarela, o JC publicou em 28 de junho de 1897, na sua primeira página, a chamada "memória" do sócio correspondente Aristides Milton, lida no Instituto Histórico e Geográfico, que insinua que a história está pronta, apenas esperando o momento de ser noticiada:

A evolução social é uma lei hoje reconhecida e confessada por todos os espíritos cultos, assim como um facto verificado pela literatura da humanidade inteira.

Se o homem – de anno em anno – realiza a expansão de sua actividade nos domínios do pensamento, os povos também – dia a dia – conquistão maior número de victorias e mais trophéos na luta da liberdade

[...] É assim com as instituições sociais também.

Procura-se, por meio dellas, o bem-estar e a glória dos povos. É certo que – desde o princípio – está delineado o caminho, que nos ha de conduzir a esse objectivo honrosissimo. Falta-nos, entretanto, acertar com ele.

No regaço immenso do futuro, *dormem acontecimentos emocionantes*, que o dia de amanhã talvez traga à flor da História para sua *solemne consagração*.

Novos regimes, outros sistemas de governo poderão substituir aos actuais.

É perenne a obra santa da civilização, como são interminos os horizontes da liberdade.

Rio de Janeiro, 13 de junho de 1897

(JC, 28/06/1897, primeira página, grifos nossos)

Considerações finais

Utilizando diferentes estratégias editoriais e narrativas, esses jornais vão entrelaçando sua existência enquanto empresa com as histórias do Brasil e do mundo. Transmite-se a idéia de que todos os acontecimentos relevantes estivessem contidos nas páginas do periódico e, conseqüentemente, na sua própria história, como se as duas se confundissem.

Segundo Ribeiro (1995), o jornalismo justifica sua relevância social pela história e se construindo como "testemunha ocular". Esse testemunhar da história pode ser entendido também pelo fato de haver uma articulação nas narrativas de tal forma que fornecem um efeito de simultaneidade entre as histórias do jornal e do Brasil. Dizer-se testemunha ocular é se

colocar em uma posição mais importante do que de um narrador possível do passado e do presente. É apresentar-se como sendo capaz de experimentar a totalidade da história. E a noção que se tem da história, em uma sociedade altamente midiaticizada, é fruto de permanente disputa.

Nora (1976) argumenta que é característica de nosso tempo procurar enxergar um sentido histórico no presente. Esse sentido seria percebido sobretudo por meio do acontecimento. Mas se a disciplina histórica há muito abandonou a visão de a história se constituir em uma coleção de fatos do passado, marcadamente diferentes do presente, essa visão parece ter migrado e sobrevivido no jornalismo.

Se o acontecimento não é um dado da realidade, mas um produto da articulação narrativa, então será a capacidade de verossimilhança, de dar sentido, ou seja, de produzir concordância na narrativa, que fará com que esse acontecimento seja crível. Segundo Ricoeur (1994), ele funciona como o ponto de convergência em torno do qual se disputam os sentidos. Ele é a própria peripécia de uma história e, se o jornalismo precisa narrar a realidade, tanto mais eficiente será quanto mais basear sua narratividade em acontecimentos. Com isso, podemos relativizar a tese de que lemos jornal para nos mantermos informados, de uma maneira utilitária, mas para sentirmos estar participando da história.

Segundo Nora (1976), tem cabido cada vez mais aos meios de massa dizer o que é ou não acontecimento histórico. Assim, com a "força de um dado", o acontecimento midiático é apresentado ao historiador para que ele faça sua interpretação. A mídia, sobretudo a jornalística, constituiria lugar privilegiado de construção de uma idéia de história. Além do enfoque nos acontecimentos, a idéia de história com a qual os jornais trabalham se baseia naquilo que Bloch (2001) critica como o ídolo das origens, um vício historiográfico que, neste caso, adquire uma função especial no jornalismo.

É de se esperar que os homens que fizeram essas edições comemorativas representassem a história a partir de sua própria historicidade. Até aí o jornalismo se igualaria a qualquer outro produto de seu tempo. O que se pretende destacar é que pode ser graças a uma certa noção de história que se ancoraria parte da legitimidade do jornalismo como forma de representação supostamente necessária e relevante. Ao dizer "isto é histórico", ao produzir e contar os acontecimentos, ele explica a história, fornecendo uma racionalidade ao cotidiano, fazendo-se, assim, necessário. Se a mudança é supervalorizada como sentido do processo histórico, o jornalista constrói condições privilegiadas de delectá-la e explicá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARBOSA, Marialva C. **Imprensa, Poder e Público**: Os diários do Rio de Janeiro (1880-1920). Tese Doutorado História – UFF, 1996.

BLOCH, Marc. **Apologia da história**. Ou o ofício de historiador. RJ: Jorge Zahar Editor, 2001.

CASTILHO, Márcio. **Uma morte em família**. Martírio e autoridade nos 100 dias de cobertura do caso Tim Lopes em O Globo. Dissertação de mestrado em Comunicação. Niterói (RJ), IACS-UFF, 2005.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. RJ: Contraponto: PUC-RJ, 2006.

NORA, Pierre. "O retorno do fato". In: LE GOFF, JACQUES e NORA, PIERRE (orgs.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editores Ltda., 1976. Pp. 179-193.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **A história do seu tempo**. A imprensa e a produção do sentido histórico. Dissertação de mestrado. ECO/UFRJ, 1995.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas (SP): Papyrus Editora, 1994, tomo I.